

OS VERBOS DE CONSTATAÇÃO NO TEXTO CIENTÍFICO¹

Francis Grossmann²

Tradução: Alex de Cássio da Silva³

Supervisão e revisão: Patrícia Reuillard⁴

Revisão técnica: Sandra Loguercio⁵

1. Introdução

A maneira mais simples de expressar uma constatação é a afirmação, cuja forma canônica é a frase simples:

(1) *La terre tourne autour du soleil.*

[A Terra gira ao redor do sol.]

Uma frase como:

(2) *Je constate que la terre tourne autour du soleil.*

[Eu constato que a Terra gira ao redor do sol.]

não modifica o valor de verdade do enunciado. Por outro lado, sinaliza uma admissão da parte do enunciador e indica que a informação foi obtida por ele através de uma base empírica. Ademais, esse tipo de enunciado é frequentemente formulado como resultado de um raciocínio inferencial:

(3) *Pierre est encore en retard. Je constate qu'il a bien du mal à se réveiller.*

[Pedro está atrasado novamente. Eu constato que ele tem bastante dificuldade em acordar.]

¹ A presente tradução foi autorizada para ser publicada em português, nos Cadernos de Tradução do IL (UFRGS), pela Editora Presses Universitaires de Rennes (PUR) e pelo autor Francis Grossmann. Referência bibliográfica completa do artigo original: GROSSMANN, Francis. “Les verbes de constat dans l’écrit scientifique”. In: TUTIN, A.; GROSSMANN, F. (org.) *L’écrit scientifique: du lexique au discours*. Rennes: PUR, p. 85-100, 2013.

² Laboratoire de Linguistique et de Didactique du Français Langue Étrangère et Maternelle (LIDILEM), Université Grenoble 3 – Stendhal.

³ Bacharelado em Letras – Tradução Português/Francês, UFRGS.

⁴ Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

⁵ Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

Está em cena aqui a própria operação de constatação, que permite ao enunciador explicar suas conclusões, mas também, às vezes, em função do contexto, marcar seu ponto de vista (Pedro é preguiçoso, ele não é sério, etc.). Comparados aos verbos de julgamento, os verbos marcadores de constatação partem da observação, daí a ancoragem no semantismo da percepção que caracteriza muitos deles, sem que, no entanto, toda constatação precise necessariamente de uma operação perceptiva⁶.

Propomos aqui examinar o funcionamento dessa classe, ou melhor, de uma parte dela, analisando o papel das unidades que a constituem nos gêneros específicos de escrita científica. Os verbos de constatação estão longe de serem o único meio de explicitar uma constatação científica, além do mais, eles têm outras funções além dessa. Nossa abordagem pretende ser essencialmente lexical, levando em conta as construções sintáticas priorizadas e algumas características semânticas, como o aspecto. Por outro lado, tentaremos especificar, na medida do possível, como os verbos estudados, para além de um funcionamento semelhante, desempenham papéis específicos no discurso científico de acordo com seu semantismo. Trabalhamos, portanto, com duas hipóteses: por um lado, acreditamos que há de fato uma classe de verbos constativos, que globalmente têm um funcionamento comum nos gêneros científicos e que se distinguem dos verbos com função metatextual, mesmo que estes frequentemente recorram ao mesmo material lexical; por outro lado, esses verbos funcionam textualmente de acordo com o *status* epistêmico. Assim, verbos como *noter*, *voir*, *remarquer* e *constater* [observar, ver, observar, constatar], além de seu parentesco funcional, teriam uma especialização epistêmica condicionada por seu perfil semântico e sintático que explicaria seu funcionamento específico no âmbito do discurso científico⁷.

Nossa análise apoia-se em uma exploração do *corpus* de língua francesa do SCIENTEXT⁸, que inclui todos os gêneros (com exceção dos pareceres) e todas as disciplinas, consistindo em cerca de 4,8 milhões de palavras. A discussão que propomos não está centrada nas diferenças observadas em função dos gêneros ou das disciplinas, mas busca lançar luz sobre algumas das principais tendências no que diz respeito ao uso dos verbos estudados na totalidade do *corpus*.

⁶ Delplanque (2006) ressalta o fato de que esses verbos, como os verbos de julgamento (*Je trouve que...* [Eu acho que...]), são explicitamente construídos a partir de um sujeito enunciador referindo-se a alguém do mundo real. Essa característica opõe-se à dos verbos de aparência em que o enunciador desocupa o lugar de "construtor", mesmo que reaparecendo, em certos casos e sob certas condições, como "receptor" do processo: *Pierre m'a l'air triste* [Pierre me parece triste].

⁷ Damos continuidade aqui a uma reflexão iniciada com Agnès Tutin (ver GROSSMANN & TUTIN, 2010a e 2010b).

⁸ N.T.: trata-se de um projeto interuniversitário – reunindo os laboratórios LIDILEM, da Universidade Grenoble 3-Stendhal, Littérature Langage Société, da Universidade de Chambéry, e LiCorn, da Universidade de Bretagne Sud – que, entre outros recursos, constituiu *corpora* de textos científicos em inglês e francês disponíveis *online* e que abrangem diversas áreas do conhecimento, servindo de ferramenta para estudos de forma, estilo, colocações etc.

2. Características dos verbos de constatação

2.1. Definição

Chamamos convencionalmente de verbos de constatação (ou constativos⁹) os verbos sinônimos de *constater*, utilizados em nosso *corpus* de escrita científica, que desempenham pragmaticamente o papel de marcador de constatação, no sentido definido na introdução. O *Trésor de la langue française informatisé* (TLFi) apresenta dois empregos principais, deixando de lado a acepção jurídica ("atestar por um ato oficial"): a) no emprego imperfeito, *constater* é "estabelecer a existência ou autenticidade de um fato após análise"; na atividade científica, é, mais particularmente, "assegurar-se, por meio de observações científicas, da realidade de um fato"; b) no emprego perfectivo, trata-se de "tomar conhecimento de algo", ou, em uma construção mais interessante para nós aqui, "dar-se conta da existência de um fato"¹⁰. Como se vê, a polissemia é bem pequena para esse verbo. Porém, o funcionamento desses verbos pode ser bem diferente na escrita científica: em um sentido "textual", a constatação enunciada corresponde a pontos (fatos, ideias, hipóteses...) considerados indiscutíveis em trabalhos anteriores, ou que serão demonstrados no decorrer do texto. A estrutura prototípica aqui é a construção com *comme* comportando um verbo no *passé composé*¹¹ [passado composto] com valor de concluído, ou no *futur simple*¹² [futuro simples] ou perifrástico: *comme nous avons pu le voir (le constater, etc.)* [como nós pudemos ver (constatar etc.), *comme nous allons le voir, on le verra... etc.*¹³ [como nós veremos, se verá... etc.]. A característica dessas construções é, nesse caso, ter uma função metatextual e/ou evidencial (Grossmann e Tutin, 2010a; 2010b): o autor mostra que o fato que ele informa foi constatado (fundamentado e comprovado) ou será ainda constatado; a estrutura desempenha, essencialmente, um papel retórico de reforçar a argumentação e/ou de orientar o leitor no desenvolvimento do texto. Nesse emprego, o único uso possível é o do *nous* [nós] inclusivo, estando a utilização do *je* [eu] totalmente descartada (Grossmann e Tutin, 2010a; Tutin 2010a):

(4)?*comme je l'ai vu sur la figure X...*
[? como eu vi na figura X...]

⁹ Em um sentido, obviamente, bem distinto daquele dado por AUSTIN, em *How to do Things with Words* (1962).

¹⁰ Uma citação fornecida pelo TLFi oferece um exemplo literário desse emprego: "No hotel onde me encontro, onde ouço falar uma porção de estrangeiros, constato novamente que a língua francesa tem um fluxo qual nenhuma outra". André GIDE, *Journal*, p.1202.

¹¹ N.T.: corresponde ao pretérito perfeito no português.

¹² N.T.: correspondente ao futuro do presente em português.

¹³ DEBAISIEUX e MARTIN (2010, p.321) lembram que "as estruturas com *comme* majoritariamente introduzem "comparativas metaenunciativas" (AUTHIER-REVUZ, 1995, p.115). Este ponto também é relatado por CAPPEAU & SAVELLI (2001).

Deixando de lado este tipo particular de estrutura, nosso interesse se centrará em um outro tipo de enunciado, que nomearemos constatação assertiva: o autor faz a constatação no próprio enunciado, com o auxílio de uma estrutura verbal no presente (tipicamente uma completiva¹⁴: *nous constatons que X* [nós constatamos que X]). Esse tipo de constatação pode ser confirmado por um elemento de prova (figura, esquema, exemplo) figurando no cotexto próximo, embora nem sempre seja esse o caso. Acreditamos que as constatações assertivas têm uma função mais central para a exposição dos resultados do que as estruturas metaenunciativas com *comme* [como], na medida em que permitem evidenciar o resultado de uma demonstração ou da observação de elementos empíricos, e que seria então mais interessante identificá-las, por exemplo, do ponto de vista da busca de informações. O teste do *je* fornece um resultado diferente daquele observado para as estruturas metaenunciativas: o *je* do autor-pesquisador, embora pouco representado¹⁵, permanece teoricamente sempre possível¹⁶ – cf. o exemplo construído em (5) – o que justifica uma diferenciação entre os empregos chamados aqui de constativos e os empregos metaenunciativos:

(5) *À partir de ces données, j'observe que X est plus grand que Y.*
[À partir desses dados, eu observo que X é maior que Y.]

Dada essa escolha de partida, restringimos nossa observação a verbos prototipicamente utilizados para a constatação científica, nas construções com o *nous* ou o *on* ("*Nous constatons (que)*", *nous constatons* + SN) que assinalam a constatação feita pelo autor cientista. Como o presente do indicativo, na forma ativa, é privilegiado em larga escala nesses empregos, limitamos nossa investigação a essa forma verbal¹⁷. As variantes modais com *pouvoir* [poder] podem ter diferentes interpretações que terão de ser examinadas à luz dos dados do *corpus*. Com relação às diferenças relacionadas aos índices pessoais (*nous* vs. *on*), partimos da ideia de que o *on* se encontra com mais frequência na coconstatação, e de que, nesse caso, a estrutura constativa endossa ainda uma função dialógica.

¹⁴ N.T.: refere-se à classe gramatical do francês *proposition subordonnée* complétive: uma oração que depende de outra principal e que normalmente exerce o papel de objeto direto. Divide-se em Conjuntiva, Infinitiva e Interrogativa.

¹⁵ Como assinalado por TUTIN (2010a), o autor singular é preferencialmente representado pelo *nous* e mais raramente pelo *on*, permanecendo o *nous* de modéstia como norma nos textos científicos.

¹⁶ Encontramos algumas ocorrências no corpus Scientext, como esta: "entre os diferentes tipos de interações comunicativas que podem ser produzidas em situações de aprendizagem, constato que as interações argumentativas e explicativas são particularmente propícias à coelaboração de noções". {psy-hdr-35-body}

¹⁷ Outras formas poderiam ter sido estudadas, sobretudo a forma passiva: *il est constaté que...* [constata-se que...]; formas de valor injuntivo como *il est à noter que* [deve-se observar que], *il faut noter que* [é preciso destacar que] ou o imperativo de primeira pessoa: *constatons que...* [constatemos que...], que podem ser relevantes em certos contextos, mas que não puderam ser abordadas no presente estudo.

2.2. Os verbos estudados

Para selecionar os sinônimos, partimos do Dicionário Online CRISCO¹⁸ (*Centre de Recherches Inter-langues sur la Signification en Contexte*), composto com base em dicionários clássicos e não em textos científicos. Esse dicionário apresenta como primeiros sinônimos: *voir* [ver]; *remarquer* [observar], *apercevoir* [perceber]; *reconnaître* [reconhecer], *découvrir* [descobrir], *éprouver* [experimental]; *connaître* [conhecer], *vérifier* [verificar]; *observer* [observar], *s'apercevoir* [aperceber-se]. De pronto, eliminamos alguns desses verbos, como *connaître*, *reconnaître* e *éprouver*, por serem excessivamente polissêmicos e, por vezes, terem sentidos muito distantes da constatação científica. Mantivemos *s'apercevoir*, que apresenta algumas especificidades interessantes, mas eliminamos *apercevoir* por ser muito pouco frequente na escrita científica. Por outro lado, adicionamos dois verbos que aparecem na listagem em um lugar de menor destaque, mas que nos parecem interessantes para a escrita científica, na medida em que implicam uma intencionalidade mais forte: o verbo *noter* [observar], que tem uma motivação semântica diferente, mas um emprego comparável, e o verbo *remarquer* [observar], muito próximo, devido ao uso e à etimologia, dos verbos de percepção (no século XVI, ainda significava, segundo o TLFi: "deter seu olhar, sua atenção em algo"). Não incluímos, entre nossos constativos, verbos "de prova" que pressupõem uma constatação: assim como *vérifier*, há *prouver* [provar], *démontrer* [demonstrar] ou ainda *établir* [estabelecer], que, além de tudo, têm a inconveniência de serem polissêmicos. Esses verbos, sem dúvida relacionados estreitamente à nossa problemática, merecem um estudo específico. Selecionamos os empregos correspondentes ao sentido de constatação, eliminando manualmente¹⁹ os enunciados nos quais esses verbos assumem um sentido diferente. Em síntese, para cada verbo, consideramos: a forma constativa "simples", a forma modalizada com *pouvoir*; a forma com *nous*, a forma com *on*, e examinamos as diferentes construções. Para o verbo *voir*, foi feito um exame mais aprofundado dessas construções; e para os demais, nos quais pudemos observar previamente que, no emprego constativo, se dividem essencialmente entre completiva / SN, nós nos debruçaremos unicamente sobre essa divisão. A Figura 1 apresenta um primeiro levantamento, limitado ao número de ocorrências encontradas para cada um dos verbos estudados (após desambiguação e seleção do sentido constativo): *observer* e *constater* se destacam com mais de 400 ocorrências, seguidos de *voir*, *remarquer* e *noter* (mais de 200 ocorrências); e, por fim, *s'apercevoir*, do qual encontramos apenas 23 ocorrências relevantes.

¹⁸ N.T.: grupo de pesquisa especializado na análise da articulação entre sintaxe e semântica, criado em 2000 na Universidade de Caen-Normandia, França.

¹⁹ Efetuamos as contagens a partir de diferentes construções pertinentes, referindo-nos à lista de lemas para garantir que não esquecemos nada.

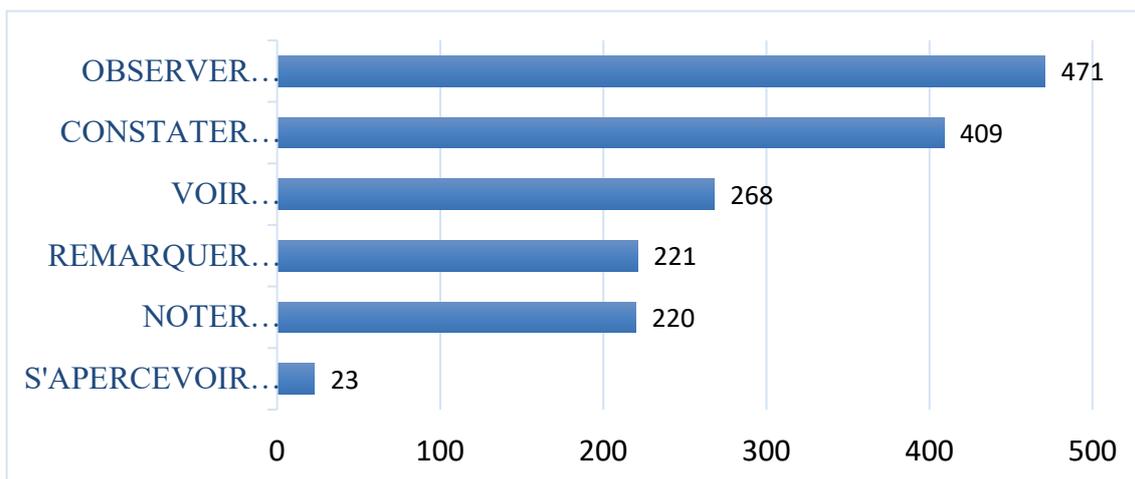


Figura 1: Número de ocorrências para cada um dos verbos estudados

2.3. Estruturas sintáticas e empregos dos verbos de constatação

Em um estudo anterior (Grossmann e Tutin, 2010b), havíamos evidenciado algumas características de *voir* com inciso (*on l'a vu*) [viu-se] ou em estruturas com *comme* (*comme on l'a vu...*) [como se viu]. Percebemos que essas construções, com um valor metaenunciativo que obriga o leitor a concordar, praticamente não eram mobilizadas com outros verbos (*observer*, *constater*, *remarquer*). O verbo *observer*, por sua vez, pediu um complemento nominal com mais frequência que os outros. Pelas razões explicadas acima, deixaremos de lado o inciso (que apresenta forma constativa "fraca"), assim como as estruturas que utilizam *comme*, que têm características específicas, e nos centraremos nos enunciados constativos "fortes". Para os verbos estudados, a estrutura privilegiada dessa constatação no sentido forte é uma construção com uma completiva conjuntiva (*nous voyons que la température remonte*) [nós vemos que a temperatura aumenta] ou com complemento nominal na maioria das vezes deverbal (*nous constatons une légère remontée de la température*) [nós constatamos um ligeiro aumento da temperatura]. São essas duas construções que observamos prioritariamente para cada um dos verbos, sem deixar de fora outras, particularmente com *voir*, o mais bem provido nesse aspecto.

2.4. O verbo *voir* como verbo de constatação

O verbo *voir* (utilizado no presente com *on* e *nous*, com e sem o verbo modal *pouvoir*) se caracteriza por uma frequência bastante alta (está na terceira posição), mas sobretudo pela diversidade de seus empregos e de suas construções. No *corpus* do Scientext, o emprego com o indefinido *on* domina amplamente, com o modal permanecendo muito pouco frequente:

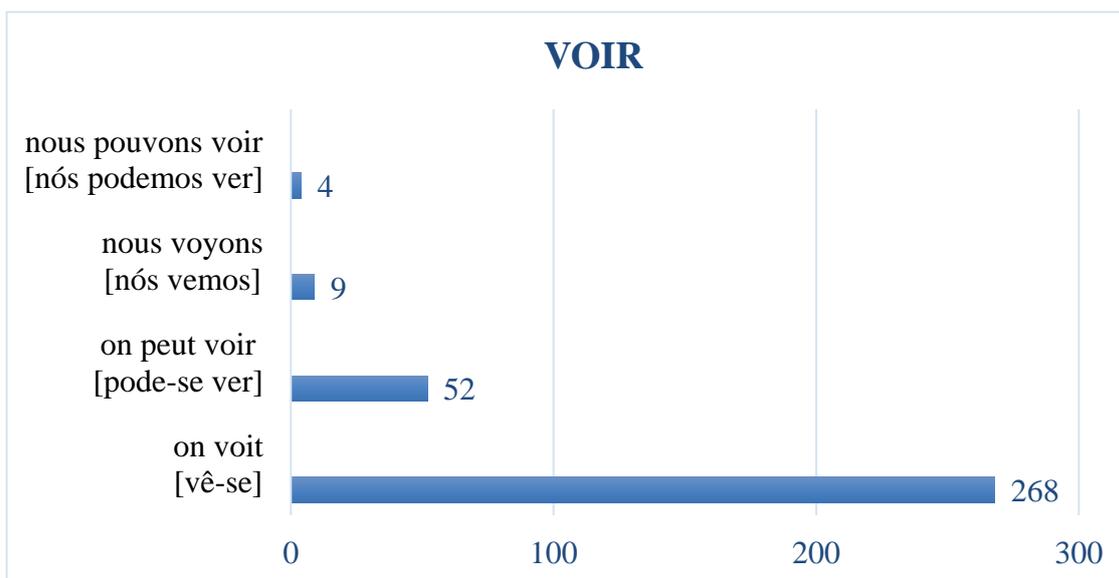


Figura 2: Distribuição para VOIR (n = 333)

Além de estruturas com *comme* ou sem o *comme* com inciso do tipo *on le voit* [vê-se], que são deixadas de fora aqui²⁰, na maioria das vezes esse verbo introduz uma oração completiva conjuntiva, forma prototípica de assinalar uma constatação que queremos compartilhar com o leitor.

Encontramos também com o verbo *voir*:

- interrogativas indiretas, usadas sobretudo para marcar o grau elevado (*on voit à quel point, on voit combien...*)

[vê-se a qual ponto, vê-se o quanto];

- orações infinitivas, muitas vezes recorrendo a verbos com valor aspectual incoativo, do tipo *apparaître, émerger, poindre, se désigner, surgir, se profiler* [aparecer, emergir, despontar, desenhar-se, surgir, configurar-se]:

(6) *Mais parallèlement, nous voyons une seconde tendance émerger entre N3 et N5, que nous appellerons morphographique.* {lin-hdr-91-body}
 [Mas, paralelamente, nós vemos uma segunda tendência emergir entre N3 e N5, que chamaremos de morfográfica.]

Algumas delas podem ter um valor avaliativo (em particular com *on le voit bien*), em função do sintagma nominal, sujeito da oração infinitiva:

²⁰ Esse tipo de emprego, já estudado em Grossmann e Tutin (2010a), será aprofundado em uma publicação futura em *Arena Romanistica*. [N.T.: periódico internacional de estudos literários e linguísticos]

(7) *On voit bien ressortir ici les présupposés évidents à la conception...* {sed-the-36-body}

[Pode-se ver sobressaírem claramente aqui os pressupostos óbvios para a concepção...]

A construção infinitiva, depois de um verbo de percepção, é frequentemente descrita como uma forma que favorece uma interpretação menos cognitiva do que a construção completiva. Assim, em (6) o sentido perceptual decerto não fica evidente, mas a construção infinitiva tende a valorizar o próprio ato da constatação; em (7), com o advérbio *bien*, encontra-se um emprego próximo daquele que é analisado logo abaixo, a respeito dos SN com valor avaliativo e, portanto, uma interpretação cognitiva. As construções clivadas no começo das frases desempenham o papel de "ponte" anafórica ou catafórica, introduzindo um exemplo (ou outro dado) que permite ilustrar ou confirmar o que acaba de ser dito:

(8) *C'est ce qu'on voit dans cet extrait...* {lin-the-47-body}

[É o que se vê neste trecho...]

Por fim, encontra-se um número significativo de SN na função de objeto. Nesse tipo de emprego, o SN é geralmente abstrato e pode ter um valor avaliativo de acordo com os complementos nominais utilizados:

(9) *On voit rapidement les limites des deux méthodes présentées précédemment.* {ele-the-110-body}

[Veem-se rapidamente os limites dos dois métodos apresentados anteriormente.]

O que "se vê" nem sempre é um resultado, mas, às vezes, um elemento que permite uma consideração sobre a pesquisa em si, tendo, dessa forma, um valor metatextual. Assim, podem-se encontrar outros tipos de objetos, por exemplo, quando se trata de sintetizar resultados: no exemplo (10), o uso conjunto de *observer* demonstra bem a complementaridade dos dois verbos:

(10) *Toutefois, si on observe les adjonctions de marques plurielles à l'infinitif, on voit trois tendances, valides à tous les niveaux scolaires...* {lin-hdr-599-body}

[Entretanto, caso se observem as adições de marcas plurais no infinitivo, vemos três tendências, válidas para todos os níveis escolares...]

Com o clítico anafórico *y*, a estrutura com *voir* permite apresentar uma interpretação proveniente dos dados anteriormente apresentados:

(11) *On peut y voir l'effet de certaines pratiques idiomatiques dans la mesure où...* {lin-the-27-body}

[Pode-se ver nisso o efeito de certas práticas idiomáticas na medida em que...]

Da mesma forma, a estrutura com o clítico *en* é utilizada para adicionar um exemplo ilustrando o que acaba de ser dito:

(12) *On en voit en particulier un exemple avec les circonstancielles "si... alors" à valeur générique [...]* {lin-the-27-body}

[Vê-se disso em particular um exemplo com as adverbiais se ... então" com valor genérico [...]]

Por último, se nota também, mais raramente, o uso de participípios passados com valor passivo:

(13) *On voit donc clairement illustré ici le principe d'équivalence fonctionnelle.* {lin-hdr-604-body}

[Vê-se então claramente ilustrado aqui o princípio da equivalência funcional.]

A figura a seguir mostra a distribuição das principais construções constativas para *voir*²¹.

²¹ Estão incluídas as estruturas que compreendem o verbo modal *pouvoir*: *nous pouvons voir* [nós podemos ver], *on peut voir* [pode-se ver], assim como os empregos com os clíticos *le* ou *y* (*nous pouvons le voir* [nós podemos vê-lo], *nous pouvons y voir* [nós podemos ver isso]), quando eles não fazem parte de uma estrutura com inciso. O verbo modal *devoir* [dever] tampouco foi levado em conta porque ele nos parece escapar, em grande medida, da interpretação constativa.

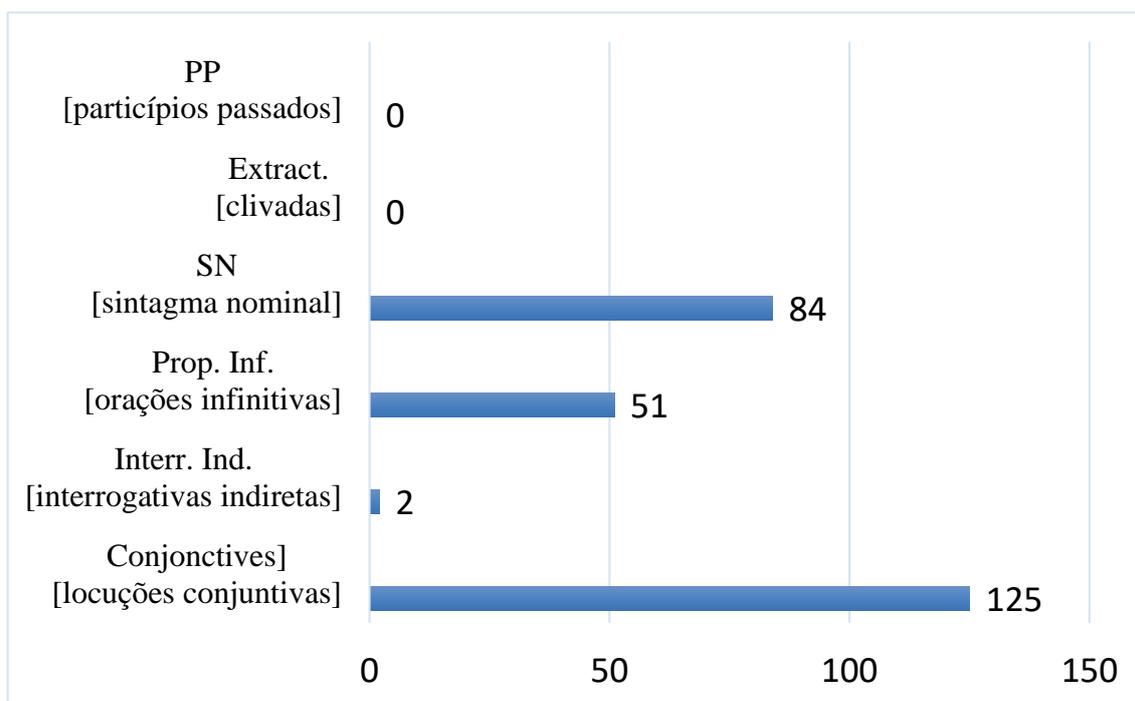


Figura 3: Distribuição das construções de *voir* (após *nous voyons* e *on voit*) (n = 260)

As construções com orações infinitivas e com particípios passados com valor passivo são específicas do verbo *voir*, não aparecendo com os demais verbos. Evidentemente, este não é o caso das locuções conjuntivas, muito numerosas, seja qual for o verbo de constatação. Mas para quais fins as conjuntivas depois de *voir* são utilizadas? Dois tipos de empregos se destacam no *corpus*:

- a constatação conclusiva (após um desenvolvimento argumentativo), que propõe uma interpretação dos resultados obtidos:

(14) *On voit donc que, tout bien pesé, l'orthographe du français ne représente pas un cas très satisfaisant d'optimalité sémiographique.* {lin-art-99-body}

[Assim, vê-se que, tudo ponderado, a ortografia do francês não representa um caso muito satisfatório de otimização semiográfica.]

A constatação conclusiva, resultante do desenvolvimento argumentativo que a antecede, não precisa necessariamente apoiar-se em uma posição precisa no texto. No entanto, é bastante frequente que um adjunto adverbial de lugar seja utilizado (*on voit ici... on voit par là que...*). Esse adjunto com valor anafórico parece aproximar esse emprego do funcionamento das estruturas com *comme*. Porém, trata-se de uma constatação no sentido forte do termo, uma vez que é feita a partir dos elementos que o antecedem, e não

simplesmente evocada, como no funcionamento de *voir* como inciso. A utilização de *on*, claramente privilegiada na constatação conclusiva, parece marcar a vontade de incluir o leitor.

- a constatação de observação compartilhada ou coconstatação (Grossmann e Tutin, 2010a, 2010b): baseia-se em um chamado à observação de uma figura, um gráfico ou um exemplo ou quaisquer outros dados como suporte para a demonstração (geralmente indicados por um dêitico (*ici, là...*) [aqui, lá...] ou por um sintagma preposicional), convidando o leitor a consultá-los:

(15) *On voit clairement sur ce graphique que la seule présence d'une bouche souriante quelle que soit l'expression dans laquelle cette bouche est insérée, correspond à une augmentation nette du pourcentage de reconnaissance.*
{psy-com-112-body}

[Fica claro neste gráfico que a simples presença de uma boca sorridente, independentemente da expressão em que essa boca está inserida, corresponde a um claro aumento na porcentagem de reconhecimento.]

Lembremos que, no caso da constatação de observação compartilhada, frequentemente se encontra um localizador que permite remissão a um elemento peritextual (figura, gráfico) ou a uma porção de texto semiograficamente identificável (exemplo numerado, parágrafo ou parte do texto, etc.). Isso corresponde à estrutura evidenciada no trabalho anterior (Grossmann & Tutin, 2010a) que identifica três elementos de um mesmo "quadro" (ou *frame*, na acepção do Fillmore et al., 2003): a testemunha, linguisticamente expressa através dos pronomes inclusivos *nous* e *on*; o fato, objeto da constatação, expresso pelos vários meios já mencionados, mas especialmente pela locução conjuntiva e pelo SN objeto; e a localização, às vezes implícita (o autor cientista refere-se ao seu estudo ou pesquisa), mas que também pode remeter explicitamente, como acabamos de ver, a um elemento peritextual (gráfico, esquema, nota), a um exemplo ou a uma seção do texto. Para além desses dois empregos principais, *voir* também permite fazer avaliações ou comentários, ou mesmo trazer esclarecimentos como este emprego com *ici*, por exemplo, fornecido em nota:

(16) *On voit ici que le modèle de la mémoire demanderait à être précisé : les représentations d'individus ou catégories évoquées par les symboles ne devraient pas avoir le même statut que celles effectivement perçues.* {tal-the-84-notes}

[Vê-se aqui que o modelo da memória exigiria ser definido: as representações de indivíduos ou categorias evocadas por símbolos não devem ter o mesmo *status* daqueles realmente percebidos.]

Trata-se aqui de antecipar as possíveis objeções do leitor, como parte da estratégia argumentativa, uma vez que o *on voit que* marca também a conivência com ele, pressupondo sua adesão ao que é dito. A plasticidade de *voir*, a própria diversidade de construções em que ele cabe o deixam longe de ser o melhor representante da classe de constativos no sentido estrito do termo: é uma ferramenta que serve para (quase) tudo: coconstatação, constatação conclusiva, marcador avaliativo (*on voit bien...*), marcador de inferência, marcador de pressuposição²².

2.5. O verbo *observer*

Observer aparece como o mais frequente dos verbos estudados (com 471 ocorrências relevantes, incluindo as formas com *on*, *nous* e a modalização com *POUVOIR*). O *on* indefinido é novamente privilegiado, porém de maneira menos nítida do que com *voir*, com o emprego da primeira pessoa do plural sendo bastante alto (fig.4)

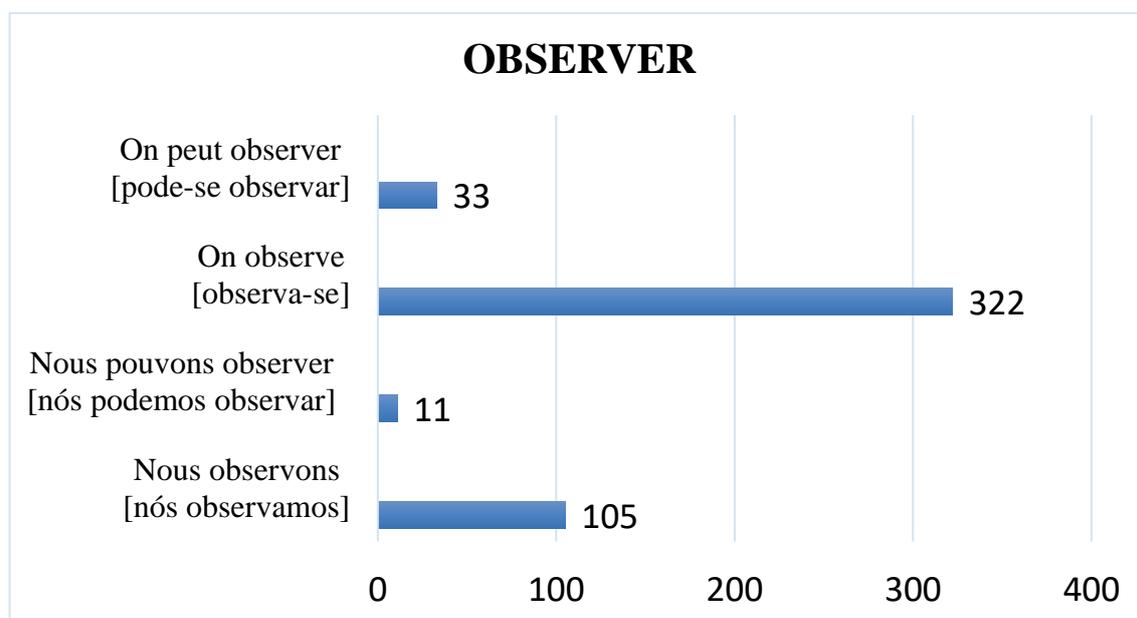


Figura 4: Distribuição dos empregos indefinidos e pessoais, modais e assertivos (n = 471)

Observer tem um uso com *nous* relativamente mais frequente que *voir*²³, permanecendo o emprego modal com *pouvoir* bastante raro. Em comparação com outros verbos de constatação, *observer* tem uma característica que se destaca: é o único a

²² Note-se que há um emprego específico de *voir* como um verbo de julgamento, impossível com os outros verbos aqui estudados (encontrado apenas também com *considérer*), na estrutura com atributo essencial de objeto: *On peut voir ces acteurs comme une matérialisation de connexions réentrantes qui...* [tal-the-5-notes] [Pode-se ver esses atores como um materialização de conexões reentrantes que...] Trata-se aqui de um efeito de qualificação ou de aproximação (FUCHS e GOFFIC, 2005) distante do sentido constativo que nos interessa.

²³ O emprego do *nous* mereceria aqui um estudo mais detalhado: além do uso do *nous* acadêmico do autor, frequentemente encontram-se empregos inclusivos com *observer*.

privilegiar – e de maneira muito clara – a construção com um complemento nominal (277 ocorrências de SN contra 134 **Que_O**²⁴). Os objetos nominais podem ser nomes de processos (diluição, aumento) ou assinalar um resultado (tendências, disparidades). Dois tipos de actante são privilegiados, o primeiro introduzindo um SN que marca o resultado de um processo:

(17) *Nous observons une déstabilisation énergétique de 25 Kcal/mol...* {ele-the-651-body}
[Observamos uma desestabilização energética de 25 Kcal / mol...]

Observer é seguido por um nome predicativo marcando o resultado de um processo, podendo o SN ser parafraseado por uma estrutura do tipo "*qu'il se produit*": *Nous observons qu'il se produit une déstabilisation énergétique...* [Nós observamos que se produz uma desestabilização energética...]

Em (18), o mesmo tipo de informação é obtido graças a uma estrutura **Que_O** cujo sujeito gramatical é um nome de processo:

(18) *Nous observons que la variance (S2) diminue significativement de T1 à T2...* {lin-com-111-body}
[Nós observamos que a variação (S2) diminui significativamente de T1 para T2...]

As estruturas **Que_O** favorecem as constatações do tipo generalizante:

(19) *En ce qui concerne le clip Hotdog, on observe que tous les énoncés contiennent des adverbiaux temporels...* {lin-com-69-body}
[Com relação ao clipe Hotdog, observa-se que todos os enunciados contêm adjuntos adverbiais temporais...]

A estrutura completiva permite tanto a constatação relacionada à descoberta do processo (o que também permite a estrutura com SN) quanto a constatação generalizante. No entanto, ela é relativamente menos representada do que para outros verbos de constatação. Em compensação, o verbo *observer* é bastante utilizado com um locativo, construção em que a motivação visual retoma sua eficácia, como mostram os exemplos 20 e 21:

(20) *On observe sur la Figure 58 que les activités de réparation...* {bio-the-95-body}
[Observa-se na figura 58 que as atividades de reparo...]

²⁴ N.T.: estrutura com "que" que introduz uma oração subsequente (nomenclatura do autor).

(21) *Dans un noyau inter-phrasique, on peut observer par microscopie optique deux types de structures chromatiniennes...* {bio-the-281-introduction}

[Em um núcleo interfásico, pode-se observar por microscopia óptica dois tipos de estruturas de cromatina...]

No exemplo (20), tem-se um caso claro de coconstatação, que envolve o leitor no exame de uma figura. Em (21), o sentido constativo se atenua em favor de um direcionamento para a observação "instrumental" do microscópio.

2.6. O verbo *s'apercevoir*

Este verbo tem uma baixa frequência no *corpus* (23 ocorrências, 20 delas com o indefinido: *on s'aperçoit* [percebe-se]). Não há registro da forma modalizada. Já o quase sinônimo *se rendre compte* [dar-se conta], de emprego muito próximo, apresenta uma dezena de ocorrências no *corpus*. A estrutura utilizada é quase exclusivamente com *Que_O* (há uma única ocorrência com *SN*). O verbo *s'apercevoir* é utilizado para assinalar que um fato se revelou ao pesquisador no final do processo de observação. Ele é, portanto, sempre perfectivo, ao contrário de *voir*, que pode ser perfectivo ou imperfectivo. Isso explica por que, como já observamos na relação *voir/observer*, o uso de *s'apercevoir* é muitas vezes feito concomitantemente, no contexto que o antecede, com um verbo de observação como *considérer* (em 22) ou *observer* (em 23):

(22) *Si l'on considère des acides aminés individuels, seuls ou dans de très petits peptides, on s'aperçoit que chacun peut occuper de l'ordre de dix conformations...* {bio-art-184-introduction}

[Considerando-se os aminoácidos individuais, isoladamente ou em peptídeos muito pequenos, percebe-se que cada um pode ocupar cerca de dez conformações...]

(23) *En observant de plus près ces productions, on s'aperçoit qu'une consonne prédomine: la consonne /n/...* {lin-the-23-body}

[Observando mais de perto essas produções, percebe-se que uma consoante predomina: a consoante / n /...]

O verbo *s'apercevoir* não funciona bem com um adjunto adverbial de lugar:

(24)? *On s'aperçoit sur la Figure 58 que les activités de réparation...* {bio-the-95-body, modificado}

[? Percebe-se na Figura 58 que as atividades de reparo...]

Por outro lado, como mostrado nos exemplos (22) e (23), ele se adapta perfeitamente a estruturas hipotéticas, ou ao gerúndio, o que torna possível assinalar o processo ao fim do qual a constatação se faz necessária.

2.7. O verbo *noter*

Com 220 ocorrências relevantes encontradas no *corpus*, esse verbo tem uma frequência significativa. A forma com o *on* indefinido é outra vez de longe a mais encontrada:

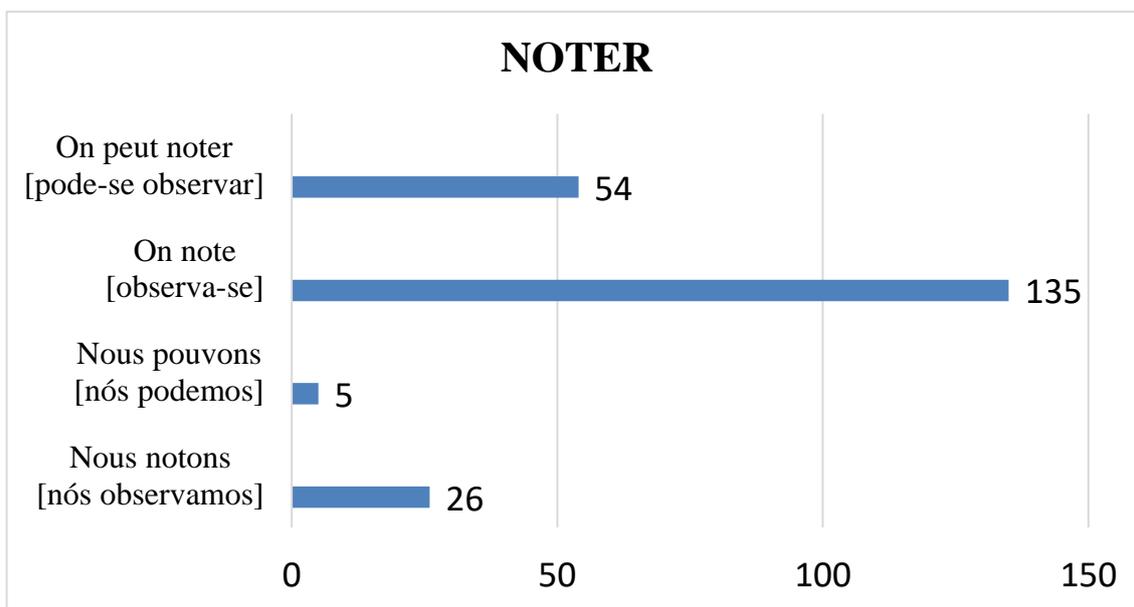


Figura 5: Distribuição de empregos de *noter* (n = 220)

Esse verbo é utilizado em especial para fornecer uma informação interessante embora não central, ou então um elemento adicional que corrobora uma hipótese²⁵. (em combinação frequente nesses casos com *de plus, ici aussi* ...)

(25) *De plus, on note la réapparition de la syllabe qui était ignorée...* {lin-the-23-body}

[Além disso, observa-se a retomada da sílaba ignorada...]

(26) *Ici aussi, on note une alternance entre l'interrogation des élèves à forte...* {sed-com-217-body}

[Aqui também, observa-se uma alternância entre a interrogação dos alunos com forte...]

²⁵ Eliminamos todos os empregos gráficos (exemplo: *noter un message* [no sentido de registrar]) que não têm sentido constatativo.

Isso explica por que esse verbo é frequentemente utilizado com o modalizador *pouvoir* (59 de 220 ocorrências), *on peut noter* introduzindo um comentário ou propiciando destacar de um todo algum elemento importante ou característico:

(27) *Parmi les projets de grande envergure, on peut noter WordNet...* {lin-com-66-introduction}

[Entre os projetos de grande escala, pode-se destacar o WordNet...]

O verbo *noter*, assim como *observer* e *voir*, pode ser utilizado para a coconstatação, por exemplo, quando se trata de ressaltar uma tendência visível em um gráfico:

(28) *Sur cette représentation, on note les différentes atténuations et retards des trajets multiples.* {ele-the-9-body}

[Nesta representação, destacam-se as diferentes atenuações e atrasos de percursos múltiplos.]

No entanto, esse uso com locativo permanece periférico, encontramos poucos advérbios de lugar nos enunciados com *noter*. Enfim, mesmo predominando a construção completiva, as construções nominais são bem representadas, geralmente com substantivos predicativos traduzindo um processo.

2.8. O verbo *constater*

O verbo *constater* é frequente no texto científico (409 ocorrências em nosso *corpus*). O emprego modal com *pouvoir* é fraco (apenas 26 ocorrências). O emprego pessoal com o *nous* acadêmico está relativamente presente (aproximadamente um quarto dos empregos encontrados).

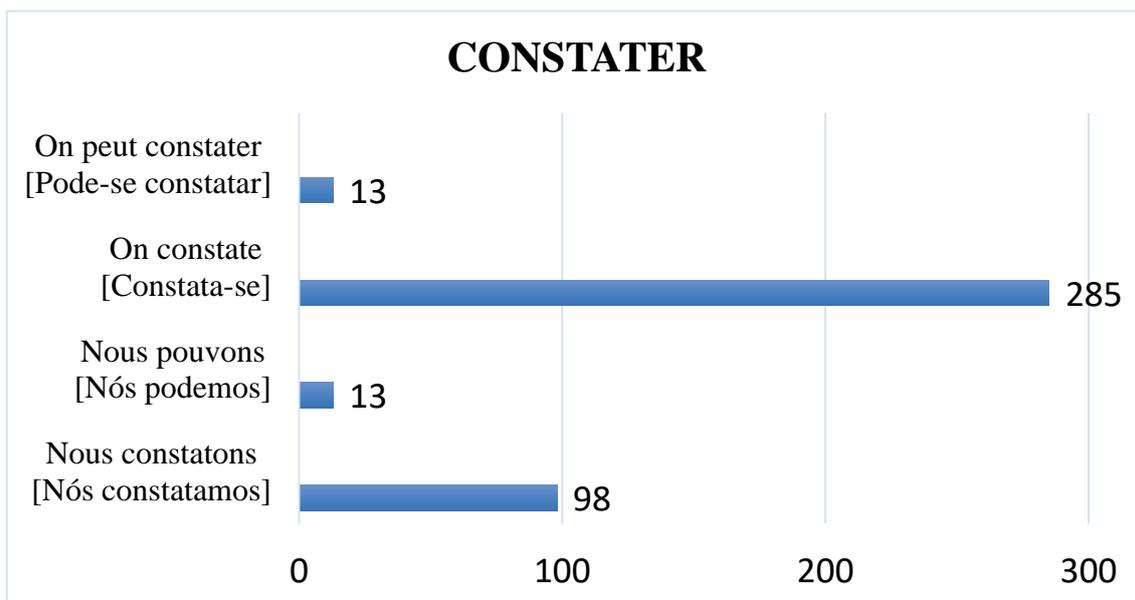


Figura 6: Distribuição de empregos de *constater* (n = 409)

No que diz respeito às estruturas sintáticas privilegiadas, a estrutura com *Que_O* chega novamente disparada na frente (314 ocorrências contra 77 da construção com SN). Semanticamente, os complementos nominais permitidos pelo verbo *constater* são um pouco diferentes dos complementos de *observer*, *noter* ou *voir*. Embora seja possível constatar a existência ou a inexistência de um fenômeno, parece mais difícil ver essa existência ou observá-la²⁶ (pode-se a rigor destacá-la, mesmo que nós não tenhamos encontrado ocorrências desse tipo no *corpus*). O verbo *constater* tem uma dimensão mais abstrata. É o que também explica que ele dificilmente possa ser substituído por *observer* quando este último tem um emprego empírico (e com um nome que não seja o do processo). Compare (29) e (30):

(29) *les seuls indices de structuration sont les paragraphes, on observe des textes avec des paragraphes extrêmement longs...*{lin-the-27-body}

[os únicos indícios de estruturação são os parágrafos, observam-se textos com parágrafos extremamente longos...]

(30) **les seuls indices de structuration sont des paragraphes, on constate des textes des paragraphes extrêmement longs...*{lin-the-27-body, modificado}

[*os únicos indícios de estruturação são parágrafos, constatam-se textos de parágrafos extremamente longos...]

²⁶ Encontramos, em compensação: "On observe la présence de structures tourbillonnaires dans la zone... {mec-the-108-body}" [Observa-se a presença de estruturas de vórtices na área...]. Entretanto, *présença* é menos abstrato do que *existência*.

2.9. O verbo *remarquer*

O verbo *remarquer* tem uma frequência média, com uma representação bastante forte dos empregos que mobilizam o *nous* acadêmico (pouco mais de um terço).

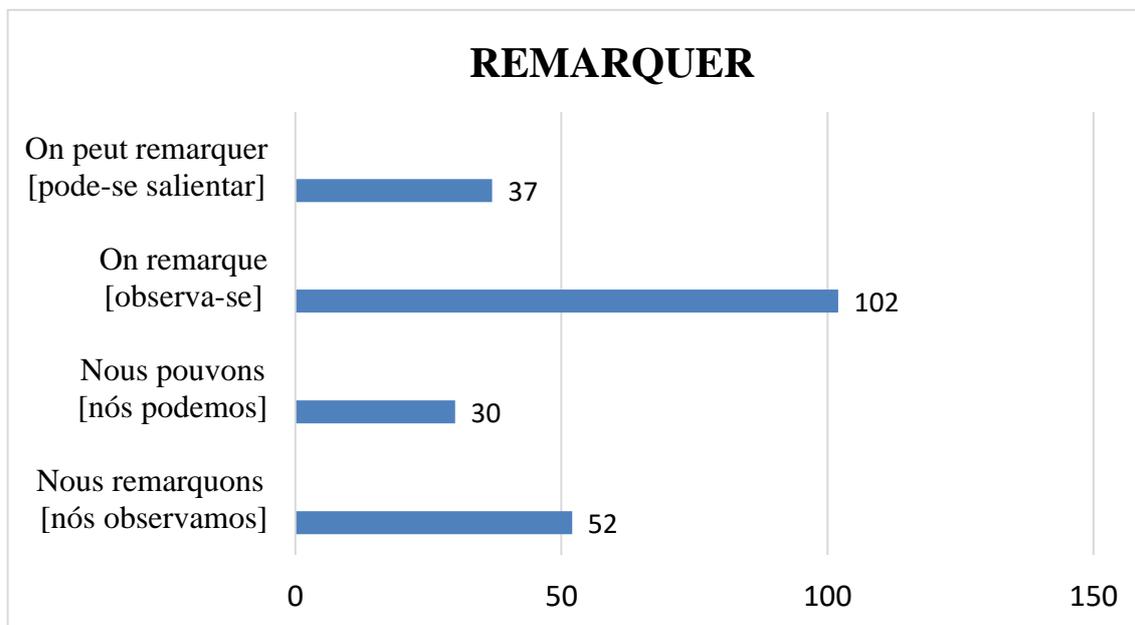


Figura 7: Distribuição de empregos indefinidos e pessoais, modais e assertivos de *remarquer* (n = 221)

Encontra-se uma frequência razoavelmente alta do emprego com o modalizador *pouvoir* (67 ocorrências), o que se explica pelo fato de o verbo *remarquer* permitir a introdução de um comentário. Desse ponto de vista, ele se aproxima de *noter* que, como ele, coocorre frequentemente com *également* ou *aussi*:

(31) *On peut remarquer également que l'accès à des pratiques personnalisées...*{sed-com-171-conclusion}
[Pode-se observar igualmente que o acesso a práticas personalizadas...]

No entanto, como vimos, ao contrário de *noter*, o verbo *remarquer* aparece com bastante frequência com o *nous* acadêmico, favorecendo um emprego mais monológico do que dialógico. Finalmente, do ponto de vista sintático, a construção com *Que_O* é mais uma vez claramente privilegiada (197 empregos contra 23 com *SN* e 1 com outra). Os complementos circunstanciais de lugar, embora não tão frequentes como com *observer*, estão presentes.

3. Conclusão

Partimos da hipótese de que havia uma classe de verbos "constativos" que permitia, nos gêneros científicos, formular uma afirmação científica, em geral sustentada por

elementos aos quais o leitor do texto possa se referir. A identificação dos enunciados constativos apresenta um certo interesse na medida, especialmente, que tornam consistentes os resultados obtidos ou representam marcos importantes do raciocínio científico.

De maneira geral, encontram-se muitos pontos em comum entre eles, mas também diferenças de funcionamento e de uso. Entre as convergências, há o fato de que todos os verbos estudados – com exceção de *s'apercevoir*, que utiliza quase exclusivamente a construção com Que_O – constroem seu objeto permitindo a alternância entre as construções Que_O e SN objeto. A frequência da estrutura com Que_O, e o papel da modalização epistêmica que eles desempenham no enunciado os aproximam dos verbos por vezes chamados indevidamente de "assertivos"²⁷.

Entre os verbos estudados, dois se destacam claramente, tanto por sua frequência como por sua centralidade: *observer* e *constater*, sendo o primeiro, em razão de seu semantismo, mobilizado mais vezes para descrever a fase empírica da pesquisa, enquanto o segundo, mais abstrato, para traduzir os resultados. Em muitos contextos, no entanto, os dois verbos são intercambiáveis, *observer* podendo assumir os valores imperfectivos ou perfectivos assim como *constater*. Este último é mais frequentemente utilizado com o *nous* acadêmico do que o anterior; ele também é mais empregado no que chamamos de constatação conclusiva. O *nous* utilizado parece raramente inclusivo: trata-se do *nous* do autor que tira suas conclusões. Os empregos modalizados com *pouvoir* são raros. *Observer*, por sua vez, aparece mais vinculado à coconstatação (podendo o *nous* ser inclusivo, quando utilizado).

Noter e *remarquer* parecem ser semanticamente bem próximos, pois estabelecem uma constatação incidental, tendo ocasionalmente valor de acréscimo, de comentário ou de ilustração para uma afirmação anterior. Ambos são frequentemente associados a advérbios do tipo *d'ailleurs*, *pourtant*, *néanmoins*, *aussi* [ademais, no entanto, não obstante, também], o que parece indicar que eles têm fundamentalmente um papel argumentativo e marcam por vezes um contra-argumento e, por outras, um acréscimo que reforça o argumento anterior. Dado o seu emprego mais frequente na primeira pessoa, *remarquer* se aproxima de um emprego mais monológico do que *noter*, que tem mais afinidades com a coconstatação implicando o leitor, embora aqui se trate novamente de simples tendências, já que os dois empregos são sempre possíveis.

Voir e *s'apercevoir* têm em comum o fato de apontarem mais para o aspecto interpretativo da constatação. *Voir*, no entanto, tem uma gama muito ampla de uso: alguns de seus empregos conduzindo-o a sair do papel de constativo para adquirir um valor avaliativo (cf. *on voit bien*), o que exigiria certamente uma triagem mais acurada do que a que realizamos; *s'apercevoir*, em compensação, é frequentemente utilizado apenas para marcar a conclusão de um processo de observação.

²⁷ Veja a este respeito as considerações de Borillo (1982).

Para todos os verbos – com exceção de *constater*, para o qual o número de empregos com *pouvoir* é equivalente –, confirma-se o fato de que a modalização com *pouvoir* é mais facilmente utilizada com *on* do que com *nous*, o que parece mostrar suas afinidades com a coconstatação.

Voltamos, para concluir, à noção de constatação assertiva. Equiparamos os comentários metaenunciativos com constativos a uma forma "fraca" de afirmação: quando o verbo de constatação introduz um sintagma do tipo inciso²⁸, quer em primeira posição, posição intermediária ou posterior. Borillo (1982, p.35) assinala que, em posição posterior, não é possível refutar um enunciado como (33):

- (32) Tu est en retard, je constate.
[Você está atrasado, eu constato].
(33) * Tu es en retard, je ne constate pas.
[*Você está atrasado, eu não constato.]

É verdade também que é igualmente difícil, nos gêneros científicos, refutar uma estrutura com *comme*, como mostram os exemplos inventados (34) e (35):

- (34) ? X est similaire à Y, comme nous ne l'avons pas vu précédemment. [? X é semelhante a Y, como nós não o vimos antes.]
(35) ? X est similaire à Y, comme nous ne le voyons pas sur la figure Z. [X é semelhante a Y, como nós não o vemos na Figura Z.]

Constata-se, no entanto, a proximidade funcional desses enunciados com a forma que compreende a constatação forte:

- (36) Nous voyons sur la figure Z que X est similaire à Y
[Nós vemos na Figura Z que X é semelhante a Y.]

Nesses exemplos, as restrições parecem surgir mais da pragmática textual do que do nível enunciativo: com efeito, a negação de (36) seria tão estranha ao leitor quanto os exemplos apresentados por Borillo. Sem dúvida, devemos continuar explorando mais as formas de coconstatação, reservando uma atenção especial à coconstatação no presente, com locativo expresso: as estruturas com *comme*, neste caso, funcionam bem, ao que tudo indica, como constatações assertivas. Mesmo que seja possível manter a distinção entre incisos "retóricos" ou com função de marcação textual – cujo verbo está geralmente no passado composto – e os enunciados plenamente constativos, percebe-se que a fronteira

²⁸ Não entraremos aqui no debate terminológico sobre os incisos, incidentes e outras estruturas metaenunciativas. Pensamos, como Wilmet (1998, p.574), que o critério enunciativo é um elemento importante para definir o inciso, o que funcionalmente aproxima as estruturas com *comme* dos incisos.

que separa a constatação assertiva da constatação "fraca" é por vezes tênue. Por um lado, alguns verbos (*noter, remarquer*) traduzem seguidamente uma constatação incidental. Por outro, certas estruturas coconstativas com *comme*, com o verbo no presente, contribuem, do mesmo modo que a forma completiva ou o complemento nominal, para estabelecer a constatação científica.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. (1995). *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, Paris, Larousse.
- BORILLO, A. (1982) Deux aspects de la modalité assertive : croire et savoir, *Langages*, 67, 33-53.
- CAPPEAU, P. ; SAVELLI, M. (2001) C'est bien comme ça ? Étude des constructions en *comme*, *Recherches sur le français parlé*, 16, 39-62.
- DEBAISIEUX, J.-M.; MARTIN, PH. (2010) *Les parenthèses, étude macrosyntaxique et prosodique sur corpus*, in *La parataxe, structures, marquages et exploitations discursives*, Berne, pp. 307-338, Peter Lang.
- DELPLANQUE, A. (2006) Juger d'après les apparences : le cas du français, *Corela*, Les verbes d'apparence. Publié en ligne le 13 mars 2006. URL : <http://corela.edel.univ-poitiers.fr/index.php?id=1284>. Consulté le 31/05/2012.
- FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C. R.; PETRUCK, M. R. (2003) Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, 16(3), 235–250.
- FUCHS, C.; LE GOFFIC, P. (2005) La polysémie de *comme*. In Olivier Soutet (dir.), *La polysémie*, pp. 267-291, Paris, Presses de l'Université Paris Sorbonne.
- GROSSMANN, F.; TUTIN, A., (2010), Evidential Markers in French Scientific Writing: the Case of the French Verb *voir*. In Smirnova E., Diewald, G. (eds). *Evidentiality in European Languages*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter.
- GROSSMANN, F.; TUTIN, A. (2010). Les marqueurs verbaux de constat : un lieu de dialogisme dans l'écrit scientifique. Actes du colloque Dialogisme : langue, discours 2010, 8-10 septembre 2010. Montpellier, Praxiling. Disponible à l'adresse : http://www.univ-montp3.fr/praxiling/IMG/pdf_GrossmannTutin.pdf
- WILMET, M. (1998, 2^{ème} éd.), *Grammaire critique du français*, Paris, Bruxelles, Hachette et Duculot.

Como citar este texto (ABNT):

GROSSMANN, F. Tradução de Alex de Cássio da Silva. Os verbos de constatação no texto científico. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 43, jul/dez, p. 149-169, 2018.